



# *A voz de Vitória*

**O CAPACITISMO VELADO**

© Copyright 2025 Auriza Alves Souza Lima

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de Regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação e Capa**  
Joselito Miranda

**Revisão de texto**  
ArtNer

**Ilustrações**  
Gemini - IA

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

---

Lima, Auriza Alves Souza.

L732v                    A voz de Vitória: o capacitismo velado. /Auriza Alves Souza Lima.  
- Aracaju: ArtNer, 2025.

28p.:il; 21cm x 21cm

ISBN: 978-65-83131-57-7

1. Literatura Infantojuvenil

2. Habilidades Socioemocionais

3. Educação- Resistência

4. Poesias

I – Título

CDU: 82-93 (813.7)-1

---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

**EDITORA ARTNER**

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • <http://artner.com.br>

**Auriza Alves Souza Lima**

*A voz de Vitória*  
**O CAPACITISMO VELADO**

Aracaju-SE



2025



## AGRADECIMENTOS

**O**brigada, Vitória, por ter aceitado ser minha filha. Você me fez uma pessoa melhor. Minha princesa, de coração frágil e lutadora como uma guerreira, meu pedaço de mim.

Agradeço a Deus, a Nossa Senhora Aparecida e aos primeiros anjos em nossas vidas, Dra. Amélia e Dr. Teles, que cuidaram do coraçãozinho de Vitória.

Agradeço também à minha mãe, Alvandir, que está no céu cuidando de nós, e às minhas irmãs Lusie, Anilde e Solange.

Gratidão a toda a minha família.

Agradecimento especial ao mestre José Lima Santana; à ACLAC – Academia de Letras e Artes de Carmópolis; à ASI – Academia Sergipana de Inclusão; à AGL – Academia Gloriense de Letras; e à *Antologia Vidas sem Preconceito*, onde escrevi o poema “Olhar Capacitista”.

Aos coletivos Sarau Sergipano de Mulheres, Café Poético Sergipano e Chá Literário Rendas da Leitura, e a todos que me estenderam as mãos: obrigada!

Meu muito obrigada a todos os profissionais que ajudaram ao longo da caminhada: Dra. Cristina, Dra. Magaly, Dra. Ana Cláudia, Dra. Marbene, Dra. Marineide e Dra. Larissa; ao Bebê e Cia; aos Colégios Pró Mundo e Freinet; às escolas de música Magia do Som e CAM; à professora de dança Maria Alice; às professoras de natação Adriana e Layna; às madrinhas Laura, Jussara e Gilenides; e às amigas Dinha, Rosa, Dete e à família Alta Vista.

Agradeço também à OAB/SE, e especialmente à Dra. Sheila Christine S. F. de Souza, presidente da Comissão da Pessoa com Deficiência da OAB/SE, por toda a aprendizagem nesses quatro anos juntas na Comissão.

Aprendi a lutar contra o capacitismo.

Gratidão.

## PREFÁCIO

**H**á livros que nascem como sementes lançadas ao vento, e há outros que brotam como árvores já antigas, carregadas de frutos e cicatrizes. Este que agora o leitor tem nas mãos é um livro que nasce do ventre da vida, feito de dor e ternura, de lágrimas e flores, de silêncios que gritam e de gritos que se transformam em poesia.

*A Voz de Vitória – O Capacitismo Velado* não é apenas um conjunto de poemas; é um testemunho. É a travessia íntima de uma mãe que ousou transformar as fissuras em palavras e as palavras em pontes. Entre o amor e a luta, entre a esperança e o preconceito, entre o silêncio e a explosão de sons, ergue-se a figura luminosa de Vitória: menina, força, símbolo, farol.

Cada poema é um espelho e, ao mesmo tempo, uma janela. Neles, vemos a infância que não se encaixa no molde imposto pelo mundo, mas que reinventa os moldes da própria humanidade. Vemos o olhar que fala quando a voz não se faz som. Vemos o sorriso que traduz o verbo quando a palavra se cala. Vemos a dor que se insinua nos pequenos gestos e o amor que tudo sustenta, mesmo quando as perguntas externas são lâminas de ignorância e preconceito.

Este livro é um cântico. Um cântico de resistência contra o capacitismo, esse muro invisível que a sociedade ergue ao redor dos corpos e das almas que ousam ser diferentes. É também um cântico de revelação: ao narrar a descoberta do autismo, ao desnudar os olhares enviesados, a autora nos convida não à piedade, mas ao respeito; não à tolerância, mas ao reconhecimento.

E o mais belo: tudo aqui se dá na carne da poesia. Não é um tratado, não é um discurso acadêmico, não é uma denúncia fria. É o coração pulsando em versos, é a vida se derramando em metáforas, é a coragem se encarnando em palavras que não pedem licença para existir.

Ao leitor, uma advertência afetuosa: não se aproxime deste livro como quem folheia páginas de um romance distante. Entre nele como quem entra em uma casa viva, onde há risos e choros, onde há memórias e descobertas, onde há uma menina que, sem dizer uma única palavra, fala mais alto do que todos os silêncios do mundo.

Que esta leitura lhe seja, portanto, reveladora e transformadora. Que a voz de Vitória ecoe em você, não como eco, mas como raiz. Porque cada poema é também um chamado – um chamado para olhar de frente, sem véus, a dignidade que habita cada ser humano.

E, se ao final do percurso você sentir que algo dentro de si se moveu, que um olhar foi curado, que um preconceito se dissolveu, então a missão deste livro estará cumprida.

***Cris Souza***

*Pedagoga, jornalista, escritora, poeta, cronista e ativista cultural.*









Sem querer você veio  
Sem querer você foi feita.  
Feita sem amor.  
Temida até o último abertura do lacre do teste.  
Solução ocultado por não querer ser mãe.  
E, já estava lá naquele pedaço de papel  
Que naquele momento prometi amar.  
Os meses se passaram e eu não sabia no que ia dar.  
Trabalhando desesperada  
Que não parei para olhar  
Que você crescia e não tinha como negar.  
Às vezes um barulhinho você fazia para me avisar  
Que estava lá.  
De Aracaju a Japoatã  
Não escutei seu coração  
Que fraquinho já dizia mãe.  
E numa noite de luar você  
Quis voar e no meu mundo veio morar.  
Era menina, meu bebê,  
Minha menina.